

O Valor e a Utilidade da Filosofia para Crianças

Daniela Gonçalves, Cláudia Azevedo
ESE de Paula Frassinetti

daniela@esepf.pt; cmoliveirat@gmail.com

Resumo

Até agora, a Filosofia tem sido mantida distante da criança e, dependendo da abordagem pedagógica e antropológica que fizermos, ela deveria mesmo estar afastada. O problema não é nada simples: para alguns, a racionalidade necessária à elaboração do pensamento filosófico ainda não estaria presente (pelo menos nas primeiras fases da infância), enquanto que, para outros, a capacidade de indagação, questionamento e perplexidade, (que constitui a ferramenta principal da Filosofia) se mostra com toda a espontaneidade precisamente na criança.

Nas últimas décadas, o programa de Filosofia para Crianças, proposto pelo norte-americano Matthew Lipman e hoje atraindo o interesse da UNESCO e da UNICEF, tem mostrado a possibilidade e a necessidade de tal prática.

Partindo do pressuposto, que nenhum acto pedagógico pode ser concebido sem uma finalidade ética (muito menos na Filosofia), um programa de Filosofia para Crianças não pode ser desprovido de eticidade. Para Lipman, o próprio desenvolvimento de uma Comunidade de Investigação, criada no âmbito do seu método de filosofar com as crianças, é uma proposta ética, promotora da capacidade de cooperação e interlocução tolerante entre os membros desta comunidade. E mesmo fora do contexto das ideias lipmanianas, a interdisciplinaridade, que hoje se reconhece como indispensável, permite estabelecer pontes entre Ética e Filosofia, já naturalmente existentes.

Neste contexto, a nossa proposta consiste em evidenciar a possibilidade de contemplar, no 1º Ciclo, uma metodologia “filosófica”.

Palavras-chave: *Filosofia para Crianças; Comunidade de Investigação; Cidadania; Espírito Crítico e Criativo.*

I. Filosofia para Crianças: o que é?

“As crianças pequenas e a filosofia são aliados naturais, pois ambos começam com o assombro” Matthew Lipman

Em primeiro lugar, partimos da premissa que o ser humano é um ser integral, concordando com a visão pedagógica dos grandes clássicos da Educação, tais como Comenius, Rousseau e Pestalozzi. Por tal, não poderíamos dissociar jamais a Filosofia de outras áreas do conhecimento, encurralando-a apenas num jogo de lógica formal, mas fazê-la sempre interdisciplinar, voltada para a formação ética e geradora de atitudes concretas. A criança é capaz do acto de filosofar. Tal como Comenius, achamos que «não é necessário introduzir nada no homem a partir do exterior, mas apenas fazer germinar e desenvolver as coisas das quais ele contém o gérmen e fazer-lhe ver qual a sua natureza. Por isso, Pitágoras preocupava-se em dizer que era tão natural ao Homem saber tudo sobre o todo que, se fossem apresentadas com cuidado a um menino de sete anos todas as questões de toda a filosofia, com certeza responderia a todas com segurança» (Comenius, 1999:118).

Assim, qualquer testemunho de Filosofia para Crianças deverá basear-se numa concepção optimista de que o ser humano já traz em si as potencialidades de reflexão crítica e aplicação prática das virtudes morais, bastando desenvolvê-las à luz de uma orientação pedagógica adequada. Esse pressuposto anula tanto a possibilidade de doutrinação – pois não se pretende impor algo de fora, mas antes extrair algo de dentro – no que toca ao relativismo, porque esse não é natural entre as crianças, o que poderia evidenciar a natureza imanente de certas verdades morais.

A orientação pedagógica da nossa proposta não lança a criança numa esfera distante, dado que, «o filósofo não se afasta de modo algum da realidade quotidiana, mas sim das interpretações e valorações quotidianas do mundo» (Lauand, 1988:68).

Presentemente, impõe-se um grande desafio aos educadores: a formação de pessoas com as habilidades necessárias para transformar informação em conhecimento e conhecimento em acções consequentes. A velocidade com que são produzidas e transmitidas as informações exige uma forma mais elaborada de apreensão, possibilitando, assim, relacioná-las e delas extrair tudo aquilo que está implícito. Para além disto, os indivíduos desta sociedade em rápida transformação terão êxito e serão actuautes na medida em que conseguirem interagir com o meio em que vivem.

Neste sentido, uma vez mais, a Educação tem papel de destaque na formação deste novo indivíduo. A simples transmissão de informações produzidas ao longo da História já não basta. Cabe à Educação, aqui e agora, *oferecer* os instrumentos necessários para que, a partir do que já foi construído, os educandos possam “encontrar” novos conhecimentos, desenvolver as suas potencialidades criativas, enfrentar novos desafios, articular as informações e retirar as suas próprias conclusões.

Logo, é necessário uma aprendizagem melhorada, isto é, o aluno deve aprender a pensar melhor e a pensar por si mesmo. Quando a Filosofia é ensinada através do diálogo investigativo, como é proposto no Programa de Filosofia para Crianças e, especialmente, quando os estudantes ainda são crianças, a tendência é que estes se tornem mais críticos, mais criativos e mais sensíveis ao contexto em que vivem.

Assim, os objectivos primordiais/essenciais a desenvolver são: uma maior autonomia de pensamento, uma percepção ética mais apurada, o respeito por pensamentos diferentes do seu, o respeito pela opinião de outras pessoas, a capacidade de fundamentar os seus argumentos. No fundo, pretende-se contribuir para uma cidadania responsável.

2. Filosofia para Crianças: para que serve?

As crianças colocam, para si próprias, questões que exigem não só um esforço explicativo sobre aspectos relevantes da realidade, mas, também, um esforço de constituição de sentidos desta realidade e da sua situação perante ela. Os sentidos vão alimentando “esta relação” com a realidade e com a vida. A atitude filosófica nasce de experiências significativas, ou seja, o pensamento é envolvido de características cognitivas e também emocionais.

As referências concretas da realidade são, deste modo, significativas e, neste sentido, constituem uma necessidade: as pessoas em geral e as crianças em particular podem participar deste esforço de constituição do significado ou podem recebê-lo já “pronto”.

O mundo actual, no qual a criança tem a missão e a necessidade de aprender a viver, está repleto de conflitos de ordem política, ideológica, cultural! É, naturalmente, questionando-os que podemos ultrapassá-los. Neste sentido, a Escola surge como o meio mais responsabilizado pela promoção dessa consciência cívica.

Ora, a Filosofia para Crianças serve para iniciar as crianças na procura de uma constituição autónoma e participada dos sentidos. Serve, antes de mais, para auxiliá-las a tornarem-se cidadãos capazes de oferecer uma contribuição pessoal e enriquecedora na construção continuada das necessárias referências orientadoras da vida humana. Serve para pensar, reflectir e criticar todas as questões que dizem respeito à constituição dos sentidos... Isto significa, portanto, o início do próprio processo do filosofar, antes mesmo de conseguir o acesso à produção daqueles que são reconhecidos, pela qualidade das suas reflexões, como os *grandes filósofos*.

O pensar é um dos recursos humanos imprescindíveis, tanto para a produção de explicações, quanto para a constituição dos sentidos. Exercitá-lo, na busca da construção de significados, ao seu próprio aperfeiçoamento.

E tal aperfeiçoamento ocorrerá se o exercício do pensar merecer a devida atenção e especiais cuidados por parte dos educadores e dos próprios educandos.

Um verdadeiro Programa de Filosofia para Crianças deve oferecer indicações para uma fundamentação teórica consistente, uma metodologia adequada e materiais de apoio a serem utilizados por educandos e educadores. O aspecto central da metodologia do Programa consiste na realização do diálogo investigativo que transforma os grupos de educandos em pequenas comunidades de investigação. Nelas, os participantes expõem as suas ideias, escutam-se uns aos outros, questionam-se mutuamente, comparam pontos de vista, complementando-os e eventualmente, corrigindo-os. Trata-se de um verdadeiro processo de cooperação intelectual, afetiva e criativa.

Como acima defendemos, a Filosofia para Crianças serve, também, para preparar os educandos para o exercício de uma cidadania responsável. A participação produtiva numa pequena comunidade de investigação exige comportamentos e atitudes de cooperação, respeito mútuo, interesse por objectivos comuns e avaliação crítica, que são, entre outros, elementos fundamentais para uma postura democrática na sociedade. A ocupação dos espaços da cidadania exige, por parte dos participantes, a consciência desses comportamentos e atitudes. Estes podem decorrer ou ser reforçados quando se aprende desde cedo a respeitar os pontos de vista dos outros; a entender que o seu ponto de vista tem o mesmo valor e peso do dos outros; a respeitar a vez dos outros e a exigir respeito pela própria vez; a respeitar regras previamente combinadas; a entender que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são necessárias para a vida em comunidade; a reconhecer que todos somos iguais; e, finalmente, quando sabemos que todos somos igualmente dignos de respeito.

Estes elementos éticos (tão necessários às relações sociais) e o domínio dos mesmos, só são possíveis, no

seu exercício prático/concreto quando acompanhados da atenção intelectual que os examina cuidadosamente. Tudo o que é feito é pensado e repensado crítica e criativamente e daqui decorre a possibilidade de pesar/ponderar justificações, motivos e possíveis consequências. Quando se pondera, há responsabilidade. Realizar este exercício, nas pequenas comunidades de investigação, contribui, sem dúvida, para que cada criança alcance a consciência de si, se sinta como um ser humano integral, que, «com a ajuda do Outro, pode e deve envolver-se na edificação de um mundo melhor e se compreenda como um ser aberto a si e à Natureza» (Gonçalves, 2006: 108). Portanto, perspectivamos a possibilidade de uma Filosofia para Crianças porque, antes de mais, esta contribui para a construção de uma cidadania responsável.

São inúmeros os sentidos atribuídos à palavra cidadania. O envolvimento e comprometimento com acções colectivas, fundadas na construção da identidade e na ampliação dos direitos básicos, constituem um desafio. O acesso às manifestações da arte e da cultura, o acesso às inovações tecnológicas, entre outros, têm alcançado resultados bastante significativos. No entanto, é preciso considerar que as acções devem ser fundamentadas num exercício de reflexão capaz de estabelecer relações entre o indivíduo e o mundo e alicerçadas em raízes profundas dispersas na multiplicidade de informações. O contacto com essas raízes faz-se pela Filosofia.

O Programa de Filosofia para Crianças propõe o envolvimento de alunos, de forma reflexiva, com temas comprovadamente formativos do substrato humanístico necessários a todas as pessoas, particularmente enquanto cidadãos. Estes temas dizem respeito aos valores (especialmente os morais), à convivência social racional, à importância do bem pensar e do pensar autónomo.

Um Projecto de Filosofia para Crianças é uma das acções que torna viável a concretização de uma proposta educacional voltada para a cidadania séria. Numa postura filosófica, o conceito de cidadania não se limita à

reivindicação de direitos e cumprimento de deveres, mas entende-se o cidadão como aquele que tem pensamento crítico, criterioso, ético e estético. Neste sentido, a implantação de um Programa de Filosofia para Crianças contempla o conceito de cidadania numa perspectiva mais ampla, uma vez que permite a aproximação das crianças ao pensamento reflexivo, global e sistemático, próprios do filosofar. Tal possibilita o reconhecimento de valores e conhecimentos da humanidade, a análise crítica dos mesmos e a busca de formas alternativas para propor soluções. Ora, a reflexão transforma-se em acção concreta na construção efectiva da cidadania. Esta metodologia, fundamentada na investigação dialógica, a par do uso de um material estruturado, permite o uso de estratégias de intervenção educativa intencionais visando a promoção das habilidades cognitivas, instrumentos necessários ao “pensar melhor”. O desenvolvimento destas habilidades contribui para a formação de cidadãos capazes de equacionar problemas e encontrar soluções criativas e éticas, nos diferentes contextos em que vivem.

Esta proposta de Filosofia para Crianças constitui-se como um dos alicerces para uma proposta educacional que atenda aos anseios de uma sociedade inter/pluri/multicultural sujeita a transformações económicas e sociais constantes. Um dos grandes desafios pedagógicos actuais é a conquista da autonomia intelectual, tanto pessoal quanto colectiva, de educadores e educandos. A melhoria da qualidade de ensino passa pela necessidade de formação global, não só de educandos, mas também dos educadores. Neste sentido, o exercício do filosofar dá a oportunidade a Educadores e Educandos, juntos numa Comunidade de Investigação, de pensarem autonomamente sobre as suas vidas e práticas, ampliando o universo cultural através do diálogo investigativo.

Desta forma, a implantação do Programa de Filosofia para Crianças, contempla aqui três dimensões da cida-

dania: a) a cidadania enquanto procura sistematizada dos significados e referências da comunidade, através do processo do filosofar; b) a cidadania enquanto esforço educativo que desenvolve um pensar crítico, criativo e sensível ao contexto, através do desenvolvimento das condições cognitivas e c) a cidadania enquanto construção de um paradigma de conhecimento alicerçado no diálogo e na investigação, mediante a formação de uma Comunidade de Investigação que envolva educadores e educandos.

3. Filosofia para Crianças: qual o método?

Neste paradigma educacional, não cabe à Escola ensinar o produto das investigações, mas antes ensinar o procedimento investigativo. A meta é desenvolver as habilidades cognitivas dentro de um contexto significativo e não de forma fragmentada e automatizada. O diálogo e a reflexão cumprem um papel fundamental neste contexto. É o diálogo que, por um lado, motiva o exercício de um pensar criterioso, criativo, autocorrigido, sensível ao contexto. Por outro lado, a reflexão e o diálogo ensinam conjuntamente o exercício da cidadania enquanto respeito ao outro, às opiniões divergentes, à diversidade cultural.

Ao pretender tornar os temas filosóficos presentes em textos narrativos (novelas filosóficas), aproximamos as discussões filosóficas do quotidiano das crianças, mas também as aproximamos do processo educacional do filosofar, o que implica uma procura de meios para transformar as salas de aula em pequenas comunidades de investigação. O conceito de comunidade de investigação de Matthew Lipman envolve a necessidade de um espaço educacional onde os participantes se sintam membros de uma comunidade, onde possam debater ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros, pensar com

autonomia explorando alguns pressupostos e trazer ainda para as suas vidas a percepção do que é descobrir, inventar, analisar e criticar colectivamente.

4. Filosofia para Crianças: de que forma no 1º ciclo?

Se considerarmos, tal como Piaget, que uma Escola activa assenta na ideia de que as matérias a serem ensinadas à criança não devem ser impostas de fora, mas redescobertas pela criança através de uma verdadeira investigação e de uma actividade espontânea, supõe-se que qualquer tipo de actividade a realizar não poderá limitar-se a uma mera receptividade. No que toca à educação moral activa, concordamos, consequentemente, que a criança possa, também aí, fazer experiências morais dado que é, sobretudo, na Escola que deve fazê-lo.

Por isso, a nossa proposta de reflexão filosófica com as crianças e o respectivo estímulo ético devem necessariamente resultar numa acção concreta, seja pela produção de textos ou pela produção de quadros, canções, teatro, etc.

Neste contexto, a acção concreta deve respeitar alguns pressupostos/objectivos para a redescoberta ou a verdadeira investigação, que resultam da natural indagação e perplexidade, a saber:

- Despertar o espírito crítico e criativo, estimulando o debate e o raciocínio;
- Aumentar o horizonte social e cultural das crianças;
- Associar o trabalho cultural com o aspecto ético;
- Proporcionar a participação activa de todos os alunos, estimulando um ambiente democrático na escola;
- Trazer elementos das diferentes Áreas (Expressões, Língua, Matemática, Estudo do Meio), como incentivos culturais e também como estímulos à produção dos alunos.

Se tentarmos seguir estes objectivos ou outros que impliquem a mesma dinâmica, talvez se conclua que o trabalho em equipa em liberdade (tantas vezes enaltecido por muitos), sob orientação do professor, revele, as dificuldades de cooperação de alguns grupos, a falta de hábito de discutir para a realização de algo, a tendência de muitas das nossas crianças (e de muitos adultos) para o egocentrismo. Se olharmos para muitas das nossas salas de aula, estes comportamentos anteriormente descritos serão reconhecidos. Mas, se a função lógica *aparecer*, isto é, a análise pragmática do sentido nos e dos discursos, a Escola activa renascerá.

O verdadeiro sentido da Filosofia é o mesmo que a Escola até hoje pretendeu (apesar de nem sempre o conseguir) alcançar – desenvolver competências para “pensar”.

4.1. Uma questão de “Tempo”

Ao contrário do que acontece se tomarmos por exemplo as outras áreas curriculares, não nos parece proveitoso definir um tempo adequado semanalmente para a sua prática. Na realidade, o contexto e o momento podem revelar-se mais ou menos adequados para qualquer prática. O mesmo se passa com a Filosofia, até porque esta deve ser entendida como uma área, por excelência, interdisciplinar. Nos primeiros anos do 1º ciclo, defende-se que se deve trabalhar a Filosofia em blocos de 40 minutos, visto que a capacidade de concentração e atenção da criança é muito reduzida. Para os últimos anos, acredita-se que a criança já desenvolveu uma maior capacidade de atenção e os blocos de 80 minutos podem aplicar-se. Logicamente, que este “tempo” definido tem de ter em conta as características do grupo e a especificidade das crianças com que trabalhamos. Eventualmente, deverão ser tomados em atenção aspectos como a parte do dia (manhã ou tarde) ou o quotidiano das crianças, pois têm forte influência no que se refere ao delimitar do tempo.

4.2. Uma questão de “Espaço”

O espaço ocupa um lugar de destaque na prática da Filosofia para Crianças. A necessidade de todos se poderem ver e ocupar a mesma posição leva-nos a considerar que a disposição em círculo é o modo mais adequado. Assim sendo, até mesmo o professor se encontra no grupo como mais um elemento, sem ocupar uma posição de destaque relativamente ao grupo de crianças. Desta forma, é possível criar uma relação visual mais forte e potencializar uma aproximação afectiva entre os membros do grupo, de modo a permitir uma reflexão mais aberta e espontânea.

4.3. Uma questão de “Regras”

A necessidade de esclarecer e precisar as regras é essencial para um bom funcionamento da prática filosófica. Dever-se-á proporcionar um ambiente verdadeiramente democrático, em que estejam implícitos princípios como: escutar o outro, respeitar a sua opinião, intervir adequadamente, respeitar as diferenças dos outros e a sua liberdade, fundamentar as nossas opiniões, manifestar cooperação, solidariedade e o “saber” estar em grupo.

Cada grupo deverá delimitar as suas necessidades e instituir as suas próprias regras, que serão definidas pela especificidade do grupo. No entanto, defende-se que cada regra só deverá ser implementada após uma avaliação criteriosa, por parte das crianças.

4.4. Traços gerais da prática de Filosofia para Crianças

Das variadas sugestões que podemos encontrar para a prática de Filosofia para Crianças, surge como mais ade-

quada a “típica” sugestão de uma aula em cinco passos. Na realidade, esta sugestão não é mais do que uma proposta que o professor deverá analisar e adequar ao grupo em questão.

4.4.1. Actividade Prévia ao trabalho textual

4.4.2. Apresentação (leitura) de um texto

4.4.3. Problematização do texto

4.4.4. Discussão filosófica

4.4.5. Actividade posterior à discussão (avaliação)

4.4.1. Actividade Prévia ao trabalho textual

É através de histórias onde predomine o diálogo que se devem iniciar os trabalhos filosóficos. Assim sendo, mesmo a diversidade que podemos encontrar na sala de aula não irá privilegiar um aluno em relação ao outro, visto que se encontram ambos no mesmo ponto de partida. As actividades prévias a que nos referimos surgem com o intuito de predispor emocional e intelectual o grupo de crianças para o trabalho colectivo e, consequentemente, proporcionar a oportunidade de trabalhar questões psicopedagógicas que exijam algum tratamento prévio. Essencialmente, este momento propicia um exercício que permite um trabalho cognitivo em que seja evidenciado o raciocínio, o questionamento e a investigação.

4.4.2. Apresentação (leitura) de um texto

Naturalmente que Lipman nos presenteou com uma variedade de histórias adequadas a quase todas as faixas etárias, de modo a que o professor se possa guiar mais facilmente. Mas, nem sempre as podemos trabalhar (no nosso caso, pelo facto de, em Portugal, a Filosofia para Crianças ainda não ter a ênfase suficiente para encontrarmos as histórias de Lipman com facilidade). Surge,

então, a necessidade de adequar determinados contos infantis para atingir as finalidades a que nos propomos. Recorremos (tendo em conta o projecto que já estava a ser desenvolvido com a turma) ao conto “A Fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner. É de realçar a necessidade de utilizar variadas técnicas de leitura (por exemplo, desde a leitura dialogada, a dramatizações,...) Foi este o nosso ponto de partida para a discussão filosófica...

4.4.3. Problematização do texto

Após a exploração do texto lido, foram as próprias crianças a delimitar os temas ou ideias que consideraram mais significativos para constituírem objecto de reflexão. Foram as crianças os principais autores e actores desta sessão. Foram, também, os seus interesses o ponto de partida para um diálogo enriquecedor em grande grupo. Após este momento, as crianças questionaram-se e colocaram questões que mais tarde teriam de fundamentar perante o grupo. É obvio que o seu *background* experiencial e o seu quotidiano “apareciam” nessas mesmas questões. A nossa tarefa, a partir daqui, foi exigir que a construção das questões formuladas fosse o mais correcta possível. Posteriormente, escrevemos todas essas questões no quadro (identificando o nome do aluno que a sugeriu) e, deste modo, *partimos para o debate* – discussão filosófica. Neste momento, mais uma vez, o papel do professor é fulcral, pois é necessária a sua orientação na formulação correcta das perguntas e das respostas que vão surgindo. Naturalmente, verificámos que no início as questões colocadas eram bastantes simples, mas, à medida que o debate se foi desenvolvendo, estas práticas discursivas/filosóficas revelaram-se mais complexas e pertinentes.

4.4.4. Discussão filosófica

Considerando que a discussão filosófica ocupou dois terços do tempo dedicado à intervenção e todo o restante tempo nas outras etapas referidas, este foi, sem dúvida, o momento essencial de toda esta intervenção, sendo em torno desta etapa que se desenvolveu a maioria do trabalho no grupo. Aqui, o diálogo ocupa lugar de realce, porque só o diálogo pode proporcionar uma verdadeira intersecção entre os alunos, uma autêntica partilha de experiências e saberes em constante questionamento. As crianças conversaram entre si, e nós, facilitamos essa comunicação, fazendo prevalecer a questão filosófica definida pelos mesmos. Naturalmente, que o nosso objectivo será não ocupar este papel para que as próprias crianças o assumam.

Esta aula em particular abordou três conceitos que se prendiam com a auto-imagem, a coragem e a beleza. Uma vez divididos em pequenos grupos, cada grupo de alunos centrava-se numa questão em particular, em torno da qual surgiram várias questões, posteriormente levadas ao grande grupo e que se revelaram extremamente pertinentes. Relativamente à auto-imagem, ou seja, ao reflexo que a Fada Oriana via de si mesma no rio, os alunos colocaram questões inquietadoras: “Se virmos o nosso reflexo na água, será que nos estamos ver a nós mesmos?”, “Será que nós somos o que vemos ou o que os outros vêem?”, “Será que, quando nos vemos ao espelho, ele nos mostra nós próprios?”, “Será que os outros nos vêem da mesma forma que nós nos vemos?”. Relativamente ao conceito de beleza, surgiram igualmente questões interessantes: “O que é, na realidade, a beleza?”, “Há várias belezas numa só pessoa?”, “Será a beleza exterior mais importante que a beleza interior?”, “A beleza implica vaidade?”, “O que é belo para mim será para os outros?”. No que se refere à coragem várias questões foram colocadas: “O que é a coragem?”, “Ser corajoso implica ser forte?”, “Para termos coragem é preciso ter

um bom coração?”, “ De que forma a coragem serve para ultrapassar os medos?”. Estas questões foram colocadas em grande grupo e permitiram uma reflexão bastante enriquecedora para todos os alunos.

4.4.5. Actividade posterior à discussão (avaliação)

Como forma de avaliar os resultados obtidos com esta aula de Filosofia para Crianças, propusemos uma reflexão escrita aos discentes implicados, acerca da aula em questão e da sua opinião sobre a prática da Filosofia. Desta forma, pudemos observar a pertinência e a necessidade da prática filosófica no 1º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente num 3º ano de escolaridade.

Na realidade, estas reflexões ultrapassaram as expectativas quanto à pertinência da aula em si e à própria visão, tão próxima da realidade, dos discentes. O verdadeiro objectivo desta aula foi atingido. As próprias reflexões sobre a aula revelaram-se autênticos pensamentos filosóficos, repletos de questionamento: “ Porque é que a Filosofia é importante? Para que serve a Filosofia? Porque é que existem tantas perguntas sem resposta acerca da história da Fada Oriana? Para que é que servia o novelo de lã; deveria ter outra causa mais especial? Eu acho que a Filosofia é muito importante e apesar de ser calma e silenciosa, é também divertida e as perguntas imensas sem resposta levam-nos a mais perguntas sem resposta. Como se inventou a Filosofia e para quê?”. A promoção de capacidades essenciais foram constantes e os próprios discentes aperceberam-se delas e da sua pertinência no decorrer da aula: “(...)a aula fez com que eu soubesse esperar,(...)”; “...são para pensar e reflectir.”; “...eu gosto de pensar para ter ideias,(...)”; “(...) a Filosofia é pensar, ajudar e descobrir.”; “ (...) enfrentarmos os nossos medos.”; “ (...) importante para nos concentrarmos. Pensa-se, está-se atento e também é preciso responder para se perceber bem” e “a filosofia é precisa para a vida.”.

Tal como foi referido anteriormente, a Filosofia faz sentido em si pela perspectiva interdisciplinar, revelando-se pertinente para todas as outras áreas curriculares. Os próprios discentes aperceberam-se dessa necessidade referindo que: “a Filosofia é importante para as Ciências, porque para Ciências é preciso pensar e Filosofia é pensar” e, ainda, “(...) Filosofia é pensar na Matemática e no Estudo do Meio e em muitas coisas...”. Aliás, tal pode observar-se em aulas posteriores, em que os próprios alunos demonstravam necessidade de reflectir acerca de algumas questões que os inquietavam e das quais surgiram verdadeiros momentos enriquecedores para o grande grupo. Referimo-nos a uma aula de Estudo do Meio em que se abordava o sistema reprodutor, tema a propósito do qual os alunos se questionaram acerca do nascimento, da deficiência, do aborto, das doenças sexualmente transmissíveis e até do próprio amor.

A Formação Cívica e o papel do homem como cidadão activo e consciente exige uma reflexão profunda acerca do seu papel na sociedade e a convivência harmoniosa com o Outro. Os discentes reafirmaram este facto, realçando-o pela sua pertinência: “a Filosofia é feita com o comentário de todos (...) é ajudar e descobrir”; “a Filosofia é muito importante para mim porque eu quero aprender com os outros; “(...) a beleza é quando nos vestimos com roupas bonitas, mas também há a beleza interior, que é quando nós temos a bondade no nosso coração.”

Considerações Finais

Que ninguém, por ser jovem, tarde em filosofar, nem, quando idoso, abandone a filosofia; pois não há ninguém que não tenha idade ou que esteja fora da idade para aquilo que constitui a saúde da alma. E aquele que diz que não é ainda tempo de filosofar ou que já passou

o tempo para tal, assemelha-se àquele que diz, falando da felicidade, que a sua hora ainda não chegou ou que já passou. Por isso, devem filosofar tanto o jovem como o ancião...

EPICURO

O espanto, fonte de interrogação, é natural em todos os seres humanos, tal como a perplexidade perante alguns fenómenos que o rodeiam. O confronto constante do ser humano com o mundo englobante dos outros não deixam de lhe provocar uma profunda admiração. Ora, o espanto e a conseqüente interrogação não são apanágio de um qualquer sábio ou daquele que é considerado como o construtor de um sistema filosófico. O levantar questões acontece em todos nós e em todas as idades...

Portanto, vamos começar pelo início! Vamos provocar as crianças desde logo, no sentido de elas poderem alcançar “soluções” para as suas questões... O modo como abordamos as questões/interrogações que as crianças colocam, o nível de profundidade que exigimos, a valorização do pensar por si mesmo, as sugestões oferecidas, numa palavra, o modo como se aprendem ou se apropriam os conteúdos deve ser sempre um modo recriador para que, na verdade, o acto de ensinar/educar seja coerente permitindo a sua interiorização na captação da profunda unidade sempre associada à realidade. Praticar isto – esta forma de ensinar e educar – é, portanto, um estilo próprio. Reflectir constantemente implica, assim, a tomada de consciência do conjunto de circunstâncias e da teia de relações em que o ser humano vive, das quais faz parte, e a partir das quais adquire consciência.

Referências Bibliográficas

ANDRESEN, S. M. B. (2002) *A Fada Oriana*. Porto, Figueirinhas, 34ª edição.
BOLLACK, J., (1975), *La Pensée du Plaisir. Epicure: Textes Moraux, Commentaires*, Paris, E. Minuit.
COVELLO, Sergio C. Comenius, (1999). *A construção da Pedagogia*, São Paulo, Editora Comenius.

GONÇALVES, D., (2006), *Da Inquietude ao Conhecimento* in *Saber Educar* nº 11, Porto, Ed. ESEPF, pp.101-109.

KOHAN, Walter O. & WUENSCH, Ana M.(Org), (1998), *Filosofia para Crianças*, Vol. I., Petrópolis, Editora Vozes.

LAUAND, Luiz J., (1988), *Filosofia, Educação e Arte*, São Paulo, Edições IAMC.

KOHAN, Walter O. & WAKSMAN, Vera (), *Filosofia para Crianças*, Vol. II, Petrópolis, Editora Vozes.

LIPMAN, Matthew (1990), *A Filosofia vai à Escola*, Summus Editorial.